



A Santa Sé

JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA

JUBILEU DOS AGENTES DE PEREGRINAÇÕES E REITORES DE SANTUÁRIOS

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Sala Paulo VI

Quinta-feira, 21 de Janeiro de 2016

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Recebo cordialmente todos vós, agentes de peregrinações aos santuários. Ir em peregrinação aos santuários é uma das expressões mais eloquentes da fé do povo de Deus, e manifesta a piedade de gerações de pessoas, que com simplicidade acreditaram e se entregaram à intercessão da Virgem Maria e dos Santos. Esta religiosidade popular é uma forma genuína de evangelização, que deve ser promovida e valorizada, sem minimizar a sua importância. É curioso: o beato Paulo VI, na *Evangelii nuntiandi*, fala da religiosidade popular, mas afirma que é melhor chamá-la «piedade popular»; também o Episcopado latino-americano no documento de Aparecida, dá um passo mais além e fala de «espiritualidade popular». Os três conceitos são válidos, mas juntos. Com efeito, nos santuários, a nossa gente vive a sua profunda espiritualidade, aquela piedade que desde há séculos plasmou a fé com devoções simples, mas muito significativas. Pensemos em como se torna intensa, nalguns destes lugares, a oração a Cristo Crucificado, ou aquela do Rosário, ou a *Via-Sacra*...

Seria um erro pensar que quem vai em peregrinação vive uma espiritualidade não pessoal, mas «de massa». Na realidade, o peregrino leva consigo a própria história, a própria fé, luzes e sombras da própria vida. Cada um traz no coração um desejo especial e uma oração particular. Quem entra no santuário sente imediatamente que se encontra na própria casa, acolhido, compreendido, e apoiado. Gosto muito da figura bíblica de Ana, a mãe do profeta Samuel. Ela, no

templo de Silo, com o coração cheio de amargura rezava ao Senhor para ter um filho. O sacerdote Eli, ao contrário, pensava que ela estivesse embriagada e queria afastá-la (cf. *1 Sam 1*, 12-14). Ana representa bem muitas pessoas que se podem encontrar nos santuários. Os olhos fixos no Crucifixo ou na imagem de Nossa Senhora, uma oração feita com as lágrimas nos olhos, repletos de confiança. O santuário é realmente um espaço privilegiado para encontrar o Senhor e experimentar concretamente a sua misericórdia. Confessar num santuário, é fazer a experiência de tocar concretamente a misericórdia de Deus.

Por esta razão, a palavra-chave que desejo realçar hoje juntamente convosco é *acolhimento*: acolher os peregrinos. Com o acolhimento, por assim dizer, «pomos tudo em jogo». Um acolhimento afectuoso, festivo, cordial e paciente. É necessário também paciência! Os Evangelhos apresentam-nos Jesus sempre acolhedor em relação a quantos se aproximam d'Ele, especialmente os doentes, os pecadores, os marginalizados. E recordemos aquela sua expressão: «Quem vos recebe, a mim recebe. E quem me recebe, recebe aquele que me enviou» (*Mt 10*, 40). Jesus falou de acolhimento, mas sobretudo praticou-o. Quando nos dizem que os pecadores — por exemplo Mateus, ou Zaqueu — acolhiam Jesus na sua casa e na sua mesa, é porque em primeiro lugar se tinham sentido acolhidos por Jesus, e isto tinha mudado a sua vida. É interessante que o Livro dos Actos dos Apóstolo se conclui com a cena de São Paulo que, aqui em Roma, «recebia a todos os que iam vê-lo» (*Act 28*, 30). A sua casa, onde morava como prisioneiro, era o lugar onde anunciava o Evangelho. O acolhimento é deveras determinante para a evangelização. Por vezes, é suficiente simplesmente uma palavra, um sorriso, para fazer sentir uma pessoa acolhida e querida.

O peregrino que chega ao santuário muitas vezes está cansado, esfomeado, sedento... E frequentemente esta condição física reflecte também a interior. Por isso, esta pessoa necessita de ser bem acolhida quer no plano material quer espiritual. É importante que o peregrino que atravessa o limiar do santuário se sinta tratado mais do que um hóspede, como um familiar. Deve sentir-se em sua casa, esperado, amado e fitado com olhos de misericórdia. Quem quer que seja, jovem ou idoso, rico ou pobre, doente ou atormentado ou turista curioso, possa encontrar o devido acolhimento, porque em cada um de nós há um coração que procura Deus, por vezes sem se dar conta plenamente. Façamos com que cada peregrino tenha a alegria de se sentir finalmente compreendido e amado. Deste modo, voltando para casa sentirá nostalgia por quanto experimentou e terá o desejo de regressar, mas sobretudo desejará continuar o caminho de fé na sua vida ordinária.

Um acolhimento especial é o que oferecem os ministros do perdão de Deus. O santuário é a casa do perdão, onde cada um se encontra com a ternura do Pai que tem misericórdia de todos, sem excluir ninguém. Quem se aproxima do confessorário fá-lo porque está arrependido, está arrependido do próprio pecado. Sente a necessidade de se aproximar dele. Percebe claramente que Deus não o condena, mas o acolhe e abraça, como o pai do filho pródigo, para lhe restituir a dignidade filial (cf. *Lc 15*, 20-24). Os sacerdotes que desempenham um ministério nos santuários

devem ter o coração impregnado de misericórdia; a sua atitude deve ser a de um pai.

Queridos irmãos e irmãs, vivamos com fé e alegria este Jubileu: vivamo-lo, como uma única grande peregrinação. Vós, de maneira especial, viveis o vosso serviço como uma obra de misericórdia corporal e espiritual. Garanto-vos por isso a minha oração, por intercessão de Maria nossa Mãe. E vós, por favor, com a vossa oração, acompanhai também a mim na minha peregrinação. Obrigado.